

A problemática do ideal nas toxicomanias

Vimos, portanto, que o sucesso da droga consiste em propiciar um refúgio contra o mal-estar da cultura. Não obstante, as toxicomanias se revelam igualmente fracassadas, pois remetem inevitavelmente ao vazio, sempre que a necessidade de abstinência se impõe. O encontro com a droga forja uma pretensa completude que se esvaece ao final da experiência de êxtase, quando o sujeito retorna a uma vida sem significado da qual nunca se desvencilhou. Sua existência é regulada, portanto, entre o nada ser ou tudo ser com a droga. A este respeito, Melman (1992) escreve que “quando retorna ao dia, quando reemerge, isto não se faz sem um certo drama, pois neste momento o mundo lhe parece particularmente cinza e, ele mesmo, bastante insuportável” (p. 85).

O toxicômano encontra-se, portanto, aprisionado a esse circuito de elevações e quedas. Nesta medida, o que propicia a cristalização do sujeito na posição de toxicômano?

Como ressalva Bittencourt (1993), o sujeito não consegue se desvencilhar desse artifício que erigiu para si, pois “a toxicomania, enquanto dispositivo, opera como um modo de resposta permanente que se substitui à exigência de uma elaboração psíquica e apazigua o sujeito diante de um intolerável” (p. 83). Com isso, podemos indagar que ao buscar a suspensão de sua existência, o toxicômano visa o esquivamento do encontro com o outro e do saber sobre si.

Logo, a fim de nos determos sobre a cristalização do toxicômano, prosseguiremos com nosso estudo pela investigação da instância ideal nas toxicomanias, responsável pela regulação das relações.

É notória nas toxicomanias a fragilidade dos vínculos sociais, o que revela o empobrecimento da instância ideal. Nesta medida, a cristalização do toxicômano pode ser compreendida, segundo Bittencourt (1993), como resultado do luto impossível da perda das identificações ideais, ou seja, das identificações mais arcaicas do sujeito, que originam o ideal do eu. Como vimos no capítulo anterior acerca do romance familiar nas toxicomanias, a falha da função paterna mantém o sujeito alienado ao desejo da mãe, conservando o ideal de completude nutrido pela

relação de cumplicidade sustentada com a mãe. Assim, para o toxicômano o desejo do Outro é um desejo de morte, pois ele permanece impossibilitado de advir como um sujeito distinto. Seu desejo não se separa do desejo da mãe, propiciando o sucesso do encontro com a droga, que o mantém em suspenso diante de sua relação com o desejo: “*Che vuoi?, Que quieres?*” (Lacan, 1962-3, p. 14, grifos do autor).

Impedido de conferir contornos ao seu sofrimento, a parceria com a droga se apresenta como um recurso eficaz para lidar com o embaraço do encontro com o outro. Contudo, como escreve Freud (1914):

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. (p.92)

Logo, o artifício das toxicomanias condena o sujeito ao aprisionamento, pois dispensa o recurso simbólico.

A cristalização do toxicômano desvela o desinvestimento de si próprio e do mundo externo, assinalando para o desengajamento do desejo, próprio da inibição. Segundo Freud (1926[1925]), a inibição não tem necessariamente uma implicação patológica. Fundamentalmente, nela o eu limita suas atividades a fim de apaziguar os conflitos com o isso e o supereu, evitando novas medidas de recalque. Todavia, neste arranjo o perigo pulsional é mantido vivo, pois não há uma substituição, como ocorre no sintoma. Deste modo, a inibição oferece uma proteção contra a angústia, uma vez que propicia uma fuga do insuportável encontro com o seu desejo. Em contrapartida, o retraimento condena o sujeito ao desaparecimento em si próprio, pois a inibição o subtrai da rede significativa, acarretando no *fading* do desejo.

O desengajamento do desejo revela o luto impossível do objeto, em função de seu revestimento pelo ideal. Em meio ao temor da perda de amor do objeto, a inibição oferece um refúgio narcísico através da incorporação do mesmo. As toxicomanias operam igualmente em resposta à ameaça da perda do objeto, porém através da suspensão propiciada pelo estado de êxtase. No entanto, na medida em que proporcionam um alívio pelo afastamento do perigo pulsional, tanto a inibição quanto as toxicomanias perturbam o trabalho de elaboração. Como escreve Freud

(1915), “é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena” (p. 250). Não é sem razão que em ambos os casos há uma forte resistência ao tratamento.

Bittencourt (1994, 2003) ressalta que a inibição é observada nas toxicomanias nos períodos de privação da droga, pois sem a substância o sujeito se abstém de sua forma de existir. A drogadicção se apresenta, portanto, como “uma simulação da morte para proteger o sujeito da própria morte” (Bittencourt, 1994, p. 50), posto que confere uma certa organização ao vazio. Todavia, como alternativa à inibição, as toxicomanias revelam-se “uma má maneira de o sujeito encontrar um modo de inscrição no Outro social e fazer dessa prática um nome para si” (Bittencourt, 2003, p. 104), pois sua identidade está colada à droga.

Diversamente ao luto normal, a perda do objeto na melancolia é de natureza ideal. Logo, o sujeito não consegue nomear o que foi perdido. Como escreve Freud (1915), o melancólico se apresenta como “desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido” (p. 251, 252). Declara que a sua vida nunca foi melhor e lamenta-se pelas pessoas que estão ligadas a ele. Além disso, manifesta um desapego à vida.

Em meio a todas essas recriminações, o melancólico surpreende pela falta de embaraço. Ao contrário, demonstra satisfação em seu desmascaramento: “Devemos, portanto, confirmar de imediato, e sem reservas, algumas de suas declarações. Ele se encontra, de fato, tão desinteressado e tão incapaz de amor e de realização quanto afirma” (p. 252). Este trabalho de auto-envilecimento corresponde ao luto da perda do objeto amado. Na impossibilidade de investir em novos objetos, a libido retorna ao eu, onde reforça a identificação com o objeto perdido. Assim, a perda objetual configura-se como uma perda do eu, que será julgado no lugar do objeto em função da culpa pela perda. A regressão da libido ocorre como resultado do tipo de investimento objetual narcísico. Sendo a base deste tipo de ligação a identificação narcísica, diante de qualquer conflito o investimento retorna para o eu, prevenindo o sujeito de renunciar à relação amorosa.

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. (p.256)

Em função do temor da perda de amor, o objeto é incorporado pelo eu, onde padece das ofensas do supereu. Através da autopunição, a melancolia encobre a hostilidade ao objeto. Em contrapartida, o sujeito manifesta sua submissão ao objeto enquanto sacrifica a si mesmo a fim de torturá-lo. Logo, o melancólico não censura as recriminações que faz de si mesmo, precisamente porque se destinam, ainda que de forma encoberta, ao objeto perdido. O distanciamento do mundo externo é um efeito do trabalho interno ao qual se dedica. A este respeito, é possível traçar um paralelo com as drogadicções, porquanto a supressão tóxica provoca igualmente o retraimento do sujeito.

De acordo com Freud (1915), a inibição melancólica pode converter-se em mania, caracterizada por uma forte descarga de energia, que antes se encontrava contida. Não obstante, a mania se configura igualmente como um meio de dominar o objeto. Em contrapartida aos duros castigos sofridos pelo eu na melancolia, a mania exprime o triunfo do eu sobre o objeto. A mania pode ser compreendida como uma forma de resguardar o eu da tirania do supereu. O caráter sádico desta instância advém da ambivalência das relações objetais, cuja origem está nos conflitos do complexo edípico. A ambivalência é responsável pelas lutas travadas em torno do objeto, onde por um lado almeja-se a separação e por outro a conservação da ligação amorosa. Visto que a ambivalência é recalcada, pois remete a uma situação traumática, seu modo de manifestar-se ocorre através do adoecimento do eu.

Vimos até aqui o impasse em que o toxicômano se encontra ao refugiar-se em seus paraísos artificiais, tendo em vista a dificuldade de desvencilhar-se deste artifício. Ao manter-se alienado à droga, o sujeito revela seu estado de luto interminável, em função da perda de suas identificações ideais, como foi examinado na articulação com as inibições. Na medida em que o reconhecimento de um ideal compartilhado entre os indivíduos engendra o processo de identificação, que atua como suporte dos laços emocionais, é notória a fragilidade da formação de laços enquanto o sujeito se mantém alienado ao circuito da droga.

Instigado pela forte influência exercida por um grupo, Freud (1921) desenvolve um estudo sobre a identificação a partir dos laços erigidos entre seus membros. Os laços mútuos são nutridos pelo reconhecimento dos mesmos ideais compartilhados por um grupo, os quais encontram-se personificados na figura do líder. A submissão ao grupo é a condição para que o sujeito seja acolhido pelos demais membros e amado pelo líder. Ao ocupar o lugar do pai como um terceiro termo, o líder opera a função de intermediador das relações. Contudo, se por um lado o amor pelo líder garante o sentimento de pertencimento e onipotência conferidos pelo grupo, por outro despoja o sujeito de liberdade. Assim, o amor a si mesmo é mantido em suspenso no grupo, a fim de preservar os laços entre os membros, porquanto a ligação amorosa oferece uma barreira contra a hostilidade. Como anuncia Freud (1921): “só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo” (p. 114).

Logo, uma das principais características dos grupos consiste na substituição do ideal do eu pelo do ideal do grupo, corporificado na figura do líder. Não obstante, a devoção a um ideal compartilhado permite ao sujeito manifestar o que há de mais cruel, destrutivo e, como não poderia deixar de ser, velado em cada um.

Fundamentalmente, para Freud (1921) o homem conserva a organização primitiva da horda, que urge pela condução por um chefe. A sugestionabilidade é observada de modo ainda mais intenso na hipnose, enquanto o sujeito se deixa “mergulhar numa atividade na qual o mundo está fadado a parecer-lhe desinteressante” (p. 137). A obediência a uma figura de autoridade remonta à herança arcaica de submissão aos genitores, propiciando a atitude passiva diante daquele que restitui a função paterna.

Na origem de toda relação objetal está o mecanismo de identificação, o qual consiste na expressão mais arcaica de laço emocional. Deste modo, carrega consigo a história primitiva do complexo edípico, suscitando a ambivalência nas relações: “pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém” (p. 115). Assim, a identificação emerge a partir do reconhecimento de um ideal compartilhado. Até mesmo um sintoma pode suscitar a identificação. É o caso da jovem de um internato que mantinha em segredo uma relação amorosa, e ao receber uma carta de seu amado reage com uma crise histérica. Quando recebem a notícia, suas colegas reproduzem os

mesmo sintomas histéricos, cuja explicação está no desejo de encontrarem-se na mesma situação.

Um determinado ego percebeu uma analogia significativa com outro sobre certo ponto, em nosso exemplo sobre a receptividade a uma emoção semelhante. Uma identificação é logo após construída sobre esse ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido. (p. 117)

Logo, a ligação entre os indivíduos advém do reconhecimento de uma qualidade compartilhada. Por conseguinte, sendo o ideal o regulador das relações, a identificação atua como suporte do laço social.

Freitas (1997) ressalta que o tema da identificação percorre toda a obra freudiana. De início, o termo foi empregado no contexto da interpretação de um sintoma neurótico ou fragmento onírico, ganhando maior destaque na clínica da histeria, que evidencia a importância do jogo identificatório inconsciente. Com o estudo da melancolia, Freud apresenta a identificação como um artifício para conservar o objeto perdido dentro do eu, a fim de exercer controle sobre o isso enquanto o mantém satisfeito.

A identificação serve também como um modo de reforçar a relação com o objeto, como no caso de casais apaixonados que passam a adotar os traços do outro, cuja finalidade é reforçar a relação com o objeto.

O mesmo teria uma dupla existência, não só no mundo externo, mas também no mundo interno. Uma espécie de *garantia*. O ego se anteciparia a um possível desenlace de um investimento importante do id. Esses traços identificatórios são frequentes, mormente em relações de amor intenso. (p. 136, grifo do autor)

O processo de identificação engendra, portanto, uma transformação da libido do objeto em libido narcísica, ocasionando a dessexualização do objeto, ou seja, uma sublimação.

O próprio narcisismo primário resulta de “uma identificação por parte da criança com seus pais, como também seria uma projeção, sobre esta criança, do próprio ideal narcisista de seus pais” (p. 137). E será a partir do narcisismo primário que a instância ideal se constitui. Assim, os efeitos das primeiras identificações da infância são os mais duradouros, pois originam o ideal do eu:

“Depreende-se, então, que é através de um processo identificatório estruturante que se faz o movimento de separação que estabelece um ego dotado de caráter” (Idem.).

Com a entrada da instância paterna, que origina o complexo de Édipo, dois caminhos são propostos por Freud (1923) a propósito do abandono do investimento sexual na mãe: “uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai” (p. 45). No caso do menino, esta última alternativa preserva, em certa medida, a relação afetiva com a mãe. Já na menina, a saída do Édipo origina um ideal masculino através da identificação com o pai, objeto de amor abandonado.

Deste modo, como adverte Freitas (1997), a identificação possui também uma função de recalque, ou seja, “de acalmar as imposições do id – solução ideal utilizada pelo ego para conservar um objeto a despeito de seu desaparecimento ou interdição” (p. 143).

Freitas (1997) assinala, ainda, que a identificação para Freud consiste em uma tentativa do eu de conciliar o jogo pulsional em meio às pressões do isso, do supereu e do mundo externo. Deste modo, na impossibilidade de satisfazer o ódio contra um determinado membro de um grupo, a hostilidade pode ser superada através da identificação com o objeto. Este processo é possível graças a uma quantidade de energia deslocável, que pode se ligar tanto à pulsão de vida quanto à pulsão de morte. Esta reserva de libido narcisista que propicia a transformação do ódio em ligação amorosa advém das pulsões eróticas, as quais possuem maior plasticidade do que as pulsões destrutivas.

Ao apoderar-se da libido dirigida aos objetos, o ego, através do processo identificatório, apresenta-se ao id como objeto de amor; contudo, ao fazer isto, o ego coloca-se em oposição aos interesses da pulsão erótica. Como nota Freud, isto implica em uma amplificação da teoria do narcisismo, surgindo o ego como constituído de um narcisismo secundário, originário das catexias do objeto, com os quais se identificou. (p. 149)

A posição especial do supereu no eu se deve à importância de sua origem a partir da primeira identificação, enquanto o eu ainda era fraco. Em função de seu caráter controlador, o supereu produz o sentimento de culpa, que aprisiona o sujeito em seu sintoma como forma de extrair satisfação de seu sofrimento. Isto

pode acarretar em uma forte resistência ao tratamento, denominada por Freud de reação terapêutica negativa.

Logo, é o recalque do Édipo que torna o sentimento de culpa inconsciente. Enquanto na neurose o eu ignora a origem da culpa, embora deixe transparecer sua revolta, na melancolia o eu assume a culpa, pois o objeto da ira do supereu foi incorporado ao eu através do processo de identificação. É digno de nota que no caso da melancolia, quando o sadismo do supereu é preponderante, é notório o domínio da pulsão de morte. Em contrapartida, quando a culpa é inconsciente o homem pode ser levado a cometer um crime para conferir uma forma real à angústia gerada pela culpa.

Visto isso, Freitas (1997) resume da seguinte maneira o processo identificatório na obra freudiana:

O processo identificatório é um processo transformador, transformador do afeto, das representações e das pulsões. Enquanto transformador do afeto, tanto pode espalhar ou precipitar a angústia; enquanto transformador das representações, associa os significantes referidos aos interditos paternos à voz da consciência, e finalmente, enquanto transformador das pulsões, fica referido ao recalque, à dessexualização e à sublimação). (p. 152, 153)

Em sua tese acerca da melancolia e da vergonha como revelação da catástrofe narcísica, Fernandes (2006) adota o termo eu ideal (*Idealich*) como correspondente do narcisismo primário, pela “confluência de uma imagem unificada que o sujeito capta a partir do olhar investido do outro, tornando-se uma unidade corporal resultante da projeção do narcisismo dos pais” (p. 101, 102). Assim, a presença do outro é fundamental para a constituição do eu ideal, determinante para a subsequente entrada do sujeito no jogo simbólico.

Ou seja, é necessário que alguém se apresente como suplência para a prematuridade infantil; que uma imago seja formada antes de uma noção corporal coesa; que esta imagem seja percebida discursivamente; que esta suplência falhe e permita a instauração da falta e da demanda; e que um projeto ideal externo ao sujeito o lance no plano simbólico em função das exigências que terá que satisfazer, relacionando esta satisfação com a lei. (p. 104)

A partir disso, Fernandes (2006) postula que o melancólico não é dotado de uma regulação simbólica, em função da ausência da construção de uma imagem coesa de si: “A disposição desamparada da criança a faz buscar na mãe

este olhar, ainda em uma situação onde o olhar e o corpo encontram-se inseparáveis” (p. 105). Como declara o autor, em alguns casos o melancólico padece da eterna busca pelo objeto totalizante, capaz de garantir a unificação narcísica ideal: “Neste sentido, a escolha melancólica é certamente em torno do tudo ou nada, ou seja, do objeto total ou do vazio” (p. 106). E o mesmo podemos atestar nas toxicomanias, enquanto o sujeito se mantém aprisionado no circuito de elevações e quedas com a droga.

Logo, assim como nas toxicomanias, é manifesto no melancólico um distanciamento afetivo em seu discurso, em decorrência da falta da captação do olhar materno, imprescindível para conferir um contorno ao corpo do bebê.

Na clínica presenciamos a dificuldade ou mesmo a impossibilidade do melancólico elaborar uma narrativa onde seja o foco do desejo do outro. Aquilo que lhe faltou aparece discursivamente, tornando sua fala monótona, com uma tonalidade monocórdica, sem a vivacidade de uma narrativa. A forma congelada estabelecida em suas primeiras trocas efetivas marca o modo de se organizar no presente. (p. 108)

Com efeito, permanece uma carência da noção de unidade e da marca do desejo do Outro. Isto significa que não há o deslocamento do eu ideal (modelo imaginário) para o ideal do eu (modelo simbólico) (Fernandes, 2006). Deste modo, não há sustentação para a sua imagem: “A impossibilidade de interiorizar o nada faz com que o tudo esteja presente nas escolhas efetuadas, como consequência da referência ideal absoluta apreendida frente ao nada” (p. 109).

Desta forma, a falha da presença do Outro na constituição do sujeito está na origem das toxicomanias, o que implica na fragilidade do ideal enquanto regulador das relações. O sucesso da droga se consagra precisamente como um meio de dar conta da falência desta instância.

De acordo com Zafiroopoulos (1994), ao propiciar uma certa abertura do inconsciente, o encontro com a droga precipita uma série de identificações e imagens ideais, a partir das quais o sujeito realiza uma encenação de si próprio em suas *viagens*. Não obstante, existe um distanciamento temporal entre as *viagens* provocadas pelo estado de êxtase e o momento em que uma elaboração textual desta experiência torna-se viável. Não há, portanto, nenhuma forma de elaboração no ato de se drogar. Este comporta tão somente um manifesto de algo da ordem do impossível de pronunciar.

O que dizer aqui deste gozo que se poderia evidentemente situar como fora de discurso, mas também como fora do corpo? Nada, senão que ocupa o lugar de um ponto de apelo tirânico, cuja atração força à repetição. Nisto, ele se autentifica. (p. 19)

Dessa forma, no momento de fusão com a droga o sujeito rompe com a cultura. Assim como as experiências de paixão, a fusão com a imagem ideal exclui o símbolo responsável pela separação entre o eu e o mundo externo. Logo, a ausência de contorno do próprio corpo durante o momento de êxtase desperta a angústia. É no momento onde o nirvana transforma-se em espanto que o sujeito interrompe o uso. Não obstante, esta “descida que reconduz à falta” (p. 21), como expressa Zafiropoulos (1994), provoca uma sensação de alívio devido ao retorno do eu ao seu lugar. Isto ocorre em função da perda dos pontos de referência de si mesmo ao longo da experiência de êxtase, que conduz ao temor da desorganização da paranóia. Em resumo, enquanto na experiência toxicomaniaca o eu se aproxima de sua imagem ideal, na interrupção do êxtase ocorre uma fusão entre o eu ideal e o ideal do eu.

Zafiropoulos (1994) observa ainda que a experiência da droga detém como ponto de apelo não apenas a promessa de êxtase, mas também a promessa de um discurso idealista, capaz de produzir uma forte influência sobre o sujeito. É por esta razão que o autor consagra as toxicomanias como uma busca de renovação da imagem de si mesmo através da incorporação da droga, que ao propiciar o desencadeamento imaginário torna possível uma nova forma de vinculação com a imagem ideal: “Só que, para renascer sob traços ideais, faltaria morrer ainda uma vez, se desvencilhar desta imagem verdadeiramente detestada que o espelho reenvia” (p. 30). Para ilustração, o autor relata o caso de uma mãe que fornecera durante dez anos frascos de pílulas energéticas a seu filho, que não fazia questão de esconder sua drogadicção:

Ele pede-lhe as pílulas mas também a consciência do que ela faz, o que atesta, a meu ver, que ele busca atingi-la pela angústia. Não se trata do fato de que ela engane a si mesma: é para ela mesmo que ele se “acaba”. (Idem.)

É, portanto, através da angústia que o toxicômano visa atingir o Outro, enquanto sacrifica o seu próprio corpo, a fim de renovar a imagem de si mesmo.

A fragilidade da instância ideal se torna evidente no vazio do discurso do toxicômano e na ausência de um propósito em sua vida. A este respeito, é interessante fazer uma referência à formulação de Bauman (1998) acerca da promessa de imortalidade como um impedimento à vida.

As conclusões são tão lúcidas quanto são esmagadoras: na vida humana, tudo conta, porque os seres humanos são mortais e sabem disso. Tudo o que os mortais humanos fazem tem sentido devido a esse conhecimento. Se a morte algum dia fosse derrotada, não haveria mais sentido em todas aquelas coisas que eles laboriosamente juntam, a fim de injetar algum propósito em sua vida absurdamente breve. (p. 191)

Segundo Bauman (1998), o reconhecimento da inevitabilidade da morte provoca indignação, o que leva o sujeito a sonhar com a imortalidade. Não obstante, a vida imortal resulta invariavelmente na morte do significado da vida, o que é notório nas toxicomanias. O alcance da promessa de completude através do estado de êxtase encerra a busca pela invenção de si próprio, culminando na cristalização do que postulamos como sendo a posição de toxicômano, ou seja, de dedicação ao cuidado de sua doença.

4.1

O sacrifício do corpo

Nas palavras de Bittencourt (1990), a pulsão de morte designa “um ponto que escapa a tudo e qualquer tentativa de simbolização e insiste de forma silenciosa, repetitiva e imperativa” (p. 75). É justamente deste resíduo irreduzível da ordem do pulsional que as toxicomanias tentam apaziguar.

A busca de êxtase pertence à categoria do *real* – real do gozo pulsional – para além do princípio de prazer e de qualquer tentativa de reordenamento simbólico. A experiência do toxicômano corresponde ao paroxismo de um impossível de dizer, onde o sujeito do discurso se esconde inteiramente atrás de um gozo sem ato. Sujeito do gozo por excelência, o toxicômano é o sujeito triste na nostalgia de um gozo que, de imediato, se lhe impõe como mítico e inigualável. (p. 76, grifo da autora)

Ao assinalar para a impossibilidade de simbolização – um impossível de dizer, as toxicomanias se apresentam como um imperativo do supereu, testemunhando a aliança com a pulsão de morte. Logo, se é a instância do supereu

que determina o campo simbólico, então algo desta lei permanece incompreensível para o toxicômano, fazendo desaparecer o sujeito do discurso: “Essa tensão, oriunda do discordante e ignorado na lei, é promovida à ordem do traumático sob a forma de uma insistência imperativa: um mandato de gozo” (Idem.). É a submissão a este mandato que se manifesta nas toxicomanias.

Assim, ao mesmo tempo em que visa a suspensão diante do sofrimento, a ingestão da droga, como forma de auto-aniquilamento, é correlativa à castração, pois inscreve o lugar da falta no corpo, o que faz do toxicômano “prisioneiro desse significante que falta” (p. 77).

Em um artigo posterior, Bittencourt (2006) assinala que o masoquismo se apresenta na satisfação pulsional do sofrimento, enquanto o sujeito se coloca como objeto de gozo. Nesta medida, o ato toxicomaniaco como um sacrifício masoquista do corpo visa atingir o Outro, a fim de restituir um lugar de onde possa emergir enquanto sujeito desejante. Em contrapartida, ao se colocar na posição de dejetivo, o toxicômano perpetua sua condição de desamparo. Não obstante, a alternativa erigida através do artifício da droga, como vimos na articulação com a inibição, consiste em um arranjo para conferir uma certa organização ao vazio, ainda que precária. Tendo em vista que o desejo do Outro nas toxicomanias consiste em um desejo de morte, resta-lhe o sacrifício do corpo como um meio de se fazer existir.

Nas toxicomanias observa-se não somente a dependência do sujeito à droga, mas também aos cuidados da mãe, que se dedica a ele como a um bebê. Deste modo, há um sacrifício mútuo na relação entre mãe e filho toxicômano, o que configura a relação de cumplicidade entre ambos, pois a droga cumpre precisamente o papel de sustentar a posição de sujeito alienado. Enquanto o filho sacrifica o seu corpo ao ingerir a droga, a mãe consagra a sua vida ao cuidado de seu filho drogado. Neste contexto, o sacrifício do corpo visa reparar o Outro, a fim de torná-lo consistente e garantir a sua própria completude. Contudo, na medida em que oferece o seu corpo ao Outro, o sujeito permanece na posição de objeto e mantém-se alienado ao desejo do Outro.

Na origem do sacrifício está o sentimento de culpa, o qual é determinante para a permanência do sujeito na posição de toxicômano, posto que nunca será saciado. Por mais que o sujeito tente dar conta do seu sentimento de culpa, não há como apaziguá-lo. É por esta razão que a compulsão à repetição é fracassada, pois

a angústia sempre retorna. Não obstante, o sacrifício propicia, ao menos, um alívio da culpa, como resultado da punição infligida pelo supereu. É por esta razão que quando o sintoma perde a sua força o sujeito revela sinais de descontentamento, como reconhece Freud (1923) nos casos em que o sentimento de culpa torna-se consciente, como na melancolia. Nela, o eu admite a culpa e submete-se ao castigo. Todavia, a origem da culpa é desconhecida para o sujeito, uma vez que o supereu é constituído a partir de representações verbais inconscientes, e o acesso a ele advém de fontes do isso.

O sentimento de culpa designa um resquício do amor incestuoso e advém da severidade do supereu. A culpa está implícita nas fantasias masoquistas, que decorrem da necessidade de punição devido ao desejo incestuoso, como foi apontado por Freud (1924) em *O problema econômico do masoquismo*. Neste trabalho, Freud (1924) alega que o masoquismo é misterioso desde o ponto de vista econômico, pois vai de encontro ao princípio do prazer, cuja tendência é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer. Quando o sofrimento e o desprazer são tidos como objetivos e não advertências, “o princípio do prazer é paralisado – é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga” (p.177).

De acordo com Ambertin (1992), o masoquismo se configura como uma resposta do sujeito frente aos imperativos do supereu. Contudo, é preciso distinguir “o masoquismo como condição de estrutura, diferenciando-o de uma posição subjetiva perversa” (p. 191). A fim de determinar o diagnóstico diferencial entre neurose e perversão, tendo em vista a problemática conferida pelo masoquismo, faz-se necessário, portanto, observar a resposta do sujeito diante da castração. Como ressalva a autora, enquanto na neurose a castração é transformada pelo fantasma em objeto de demanda de amor, na perversão ocorre a presentificação do objeto de gozo, velado pelo fetiche.

A estrutura clínica é determinada pela resposta do sujeito diante da cisão entre o eu ideal e o ideal do eu, decorrente da ameaça castração. A interdição da completude narcísica impele o sujeito a uma busca incessante pela restituição de sua imagem ideal. Logo, diante da ameaça de castração, o neurótico renuncia à satisfação plena da pulsão e se submete à lei, enquanto o perverso é aquele que

reconhece o perigo, mas segue em busca da realização do desejo de recuperar o narcisismo primário, no registro do eu ideal.

Na visão de Birman (2005), as toxicomanias operam uma fetichização do gozo, a fim de evitar o confronto com a experiência da castração. Ao incorporar a droga, o sujeito sustenta a ilusão de plenitude narcísica. Deste modo, o toxicômano se mantém no registro do eu ideal e da onipotência narcísica, o que é fomentado pela figura materna, a qual “investe na onipotência do sujeito pela proteção e sedução” (p. 225). Neste cenário, a figura paterna é silenciada e impedida de operar a castração.

Nas toxicomanias, o sujeito se encontra capturado na oscilação sadomasoquista: mediante a ingestão da droga, instala-se na posição de ser o objeto ideal que preenche a falta materna. Em contrapartida, o vazio depressivo revela o fracasso iminente dessa posição e a queda vertiginosa na experiência da morte, forma específica da angústia da castração como ameaça de aniquilamento que incide aqui. (...) Enfim, o sujeito impede a queda definitiva da mãe fálica pelo *sacrifício masoquista* de seu próprio corpo, marcado pelas perfurações devastadoras e pelas disfunções mortíferas. (Idem.)

Ao promover o alívio do mal-estar, a droga mantém o sujeito em suspenso diante da angústia e de sua condição estrutural de desamparo. Nas palavras de Birman (2005): “Diante das angústias despertadas pelo exercício da *singularidade* do desejo, o sujeito se eclipsa e se submete ao conforto da posição masoquista” (p. 228, grifo do autor).

A recusa da castração e o deslocamento para o objeto fetiche visam a preservação da satisfação pulsional plena, uma vez que conservam a ilusão de completude. Através do fetiche, o sujeito preenche imaginariamente a falta do Outro, a fim de forjar a sua própria completude. Neste sentido, o artifício da droga pode ser considerado como uma saída perversa, embora esta constatação seja insuficiente para a determinação da estrutura clínica. É no apelo que o sujeito exprime em seu uso que melhor podemos compreender as toxicomanias.

De acordo com Peixoto Júnior (1999), o mecanismo de recusa e a escolha objetual narcísica – determinante para o fetichismo – não chegam a definir a estrutura perversa, porquanto são processos que integram a constituição do sujeito.

Assim como para a psicanálise é impossível compreender a subjetividade sem considerar o narcisismo, também não seria mais possível compreender a sexualidade humana sem considerar as perversões, que aliás só se esclarecem pela investigação da sexualidade infantil. (p. 89)

Além disso, embora o toxicômano revele uma fixação à droga, este mecanismo pode ceder eventualmente, o que não ocorre na perversão.

Logo, o sacrifício masoquista nas toxicomanias se distingue do perverso masoquista, uma vez que há um apelo dirigido ao Outro. É o caso de um alcoolista que bebe regularmente de forma abusiva dentro de casa, e relata que é como se estivesse com uma arma apontada para a sua cabeça, e seus pais, com quem vive, nada fizessem. Ou um adolescente que logo na primeira entrevista diz que bebe por pirraça para chamar a atenção dos pais. Deste modo, demonstram que a droga consiste em um meio de se fazer existir.

4.2

A ancoragem identitária das toxicomanias na sociedade contemporânea

Enquanto na cultura descrita por Freud havia uma repressão social sobre a satisfação, assistimos na contemporaneidade um imperativo de gozo. Na cultura de hoje, não há mais a valorização da formação dos laços entre os homens, o que assinala para a falência do ideal como regulador das relações. As toxicomanias, neste contexto, tornam manifesta a exclusão do outro na busca pela satisfação.

De acordo com Souza (2002), os estudos psicanalíticos brasileiros apontam o uso de drogas como revelador da face negra da sociedade de consumo, marcada pela “ausência de projeto coletivo ou pessoal, ilusão, vazio existencial” (p. 93). Nesta medida, os objetos de consumo cumprem o papel de substituir os ideais abandonados na contemporaneidade. Como vimos a propósito do padecimento do ideal nas toxicomanias, as drogas se alojam onde há uma falha no ideal como suporte do laço social.

Plastino (2002) ressalta que o ponto de partida para o processo de socialização é o eu ideal, que deve ser destituído a fim de ceder lugar a outros investimentos libidinais, até então restritos ao próprio eu. A subsequente substituição do eu ideal pelo ideal do eu “integra no psiquismo do sujeito a

autoridade, os modelos e as interdições sociais” (p. 108). A entrada no social se deve, portanto, ao complexo de castração, que interdita o objeto do desejo, sem interditar o desejar. Logo, a falha no processo de castração mantém o sujeito na ilusão de onipotência narcísica, o que está na base da cristalização na posição de toxicômano.

Segundo Plastino (2002), a falha da castração em destronar o sujeito de sua onipotência implica na interdição do desejar, conduzindo à posição de submissão masoquista, “que atualiza, na toxicomania, as fantasias de autodestruição” (p. 109).

Assim, a sustentação do ideal onipotente é paga pelo toxicômano com a dependência, a degradação e, não raro, a morte. O movimento orientado a reviver fugazmente as fantasias de onipotência é reforçado ainda pela necessidade de encontrar alívio para a angústia. Não tendo sido atingido e beneficiado pela castração simbólica⁴, a ameaça de castração pesa sobre o sujeito, nutrindo uma angústia que só encontra alívio provisório na ingestão do tóxico e na sensação de onipotência propiciada por ele. (Idem.)

Rocha (2004) destaca que as toxicomanias – ao lado das depressões e da síndrome do pânico – assinalam para novos modos de constituição subjetiva, como resultado das “transformações operadas pela contemporaneidade no estatuto do sujeito e do mal-estar” (p. 92). Tais transformações incidem também na configuração do laço social, definido pela autora como uma rede composta de regras de simbolização “que sustenta uma cultura, a partir da definição de interdições e permissões que engendram modelos de identificação e de relações objetais” (p. 40). Baseada no binômio interdição – idealização, o laço social desvenda “a relação dialética com o pai, ao mesmo tempo odiado / temido e amado / protetor” (Idem.).

Embora as toxicomanias compreendam diferentes modalidades de uso e inovam-se constantemente em função do aparecimento de novas drogas, elas visam, em última análise, uma tentativa de conciliação do sujeito com a cultura, através da medicalização do mal-estar.

O uso de substâncias psicoativas faz parte do nosso cotidiano, desde a cafeína para nos deixar mais alertas, até na autoprescrição de medicamentos para

⁴ A noção de castração simbólica foi descrita por Françoise Dolto (2001), a fim de ressaltar a promoção à ordem simbólica pela via da castração.

aliviar qualquer desconforto. Em meio a este cenário, as toxicomanias acenam para o mal-estar do consumo desenfreado, fazendo da cultura sua cúmplice, pois é dela que advém o ideal de ter ao alcance uma fórmula que apazigue de um só golpe a dor da existência.

Neste contexto, as drogas se tornam o objeto de consumo ideal da cultura contemporânea, possibilitando a adequação ao imperativo da satisfação e da performance. São artefatos tecnológicos capazes de promover a glorificação do eu, seja pela via do anestesiamiento do mal-estar, seja pela via do autocentramento nas próprias sensações, levando ao afastamento do outro. (Rocha, 2004, p. 97)

Ao mesmo tempo em que revela sua obediência ao “código social consumista” (Rocha, 2004, p. 98), em sua parceria com a droga o sujeito degrada a sua imagem e se mantém alheio ao social. Não obstante, Rocha (2004) avalia uma mudança do estatuto social do objeto droga, graças à legitimação do silenciamento do sofrimento psíquico, para o qual não importam os meios empregados.

Garcia e Coutinho (2004) realizam um trabalho a propósito da relação entre o modo individualista de existir e a experiência psíquica dos sujeitos na contemporaneidade, a partir do qual é possível circunscrever as toxicomanias na sociedade de hoje. De acordo com os autores, a contemporaneidade confronta-nos com novas modalidades de mal-estar, especialmente como resultado do enfraquecimento de referências simbólicas que ofereçam contornos ao campo do desejo: “Nesse sentido, parece que hoje nos deparamos com manifestações de dor psíquica motivados mais pela exigência de prazer do que pela restrição ao prazer” (p. 126). Logo, o desamparo como expressão do padecimento pelo excesso pulsional recebe grande destaque na clínica atual.

As transformações na concepção de privado e individual na vigência de um afrouxamento das medidas repressivas da sociedade contemporânea atingem diretamente a configuração das famílias e a relação do indivíduo com o social. Assim, o corpo adquire o valor de identidade do indivíduo, e “torna-se a expressão mais clara do cultivo do eu e da liberação, objeto primordial de exercício da ideologia libertária” (p. 129). Como instrumento para a reflexão do individualismo contemporâneo, Garcia e Coutinho (2004) discutem a hipótese do tribalismo, o qual é marcado pela ausência de referências simbólicas estáveis.

Essa tese foi introduzida por Maffesoli (1987), que anuncia o declínio do individualismo na sociedade atual e, em seu lugar, a emergência do tribalismo como uma nova configuração do laço social, que dispensa o modo de organização hierárquico da modernidade.

A fusão da comunidade pode ser perfeitamente desindividualizante. Ela cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro (o que remete ao político), mas antes estabelece uma relação oca que chamarei de *relação tátil*: na massa a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam. (p. 102, grifos do autor)

O individualismo da atualidade evidencia, por conseguinte, a perda das referências simbólicas e a busca incessante de “âncoras identitárias, ainda que transitórias” (Garcia e Coutinho, 2004, p. 131). Enquanto valoriza a autenticidade e a liberdade, o sujeito contemporâneo padece de insegurança.

A partir disso, propomos a figura de um *indivíduo errante*, sem amarras e à deriva, como paradigmática dos novos contornos que o individualismo assume em nossa época. Sugerimos que a errância contemporânea traduz-se em uma modalidade de sofrimento psíquico, associado a uma situação de insegurança ou instabilidade identitária, exacerbada pela imposição da busca do prazer constante e sem restrições. Nossa suposição, referendada pela escuta clínica, é de que este estado de coisas se apresenta subjetivamente através de diversas manifestações de sofrimento psíquico articuladas a uma experiência de desamparo perturbadora. (p. 131, 132, grifos dos autores)

Logo, a intensificação do desamparo, como resultado da “fragilização dos suportes simbólicos identitários” (p. 136), configura o mal-estar do individualismo contemporâneo.

Garcia e Coutinho (2004) assinalam a depressão como uma das faces do desamparo da atualidade, enquanto indicativo de um excesso pulsional não passível de ser simbolizado e uma supervalorização do outro, que é ameaçador tanto pelo temor de sua ausência em uma situação de perigo, quanto pela sua presença como outro gozador. O caráter introspectivo e obscuro da depressão assinala, ainda, para um outro imaginário e idealizado: “Neste sentido, o deprimido é um herdeiro legítimo da subjetividade moderna e anuncia, talvez, uma resistência silenciosa e perniciosa no cenário contemporâneo” (p. 137).

Segundo Gonçalves, Delgado e Garcia (2003), na cultura pós-moderna é a crença em uma ciência ideal que oferece um amparo diante do mal-estar. Em meio

a uma ordem capitalista de consumo, que suprime as tensões inerentes às relações humanas, o próprio sujeito pode se tornar um objeto, em função do que ele porta como significação. Assim, na cultura narcísica, o corpo do outro é tido como um objeto de predação, ou seja, de consumo, cuja captura enaltece a imagem de si mesmo.

Pode-se então, a partir daí, falar de uma sociedade produtora de privilégios, em que a diferenciação entre os indivíduos é socialmente determinada – ter para ser; consumir para existir –, e os que consomem mais exibem maior prestígio do que os que consomem menos. (p. 122)

Como escreve Vilhena (2008), “a palavra é o meio de se fazer reconhecer pelo outro” (p. 242), e na impossibilidade de se fazer ouvir, o indivíduo pode valer-se de outros recursos para ser notado, como através de formas violentas de reações e da própria atitude transgressora das toxicomanias. Segundo a autora, é a partir do reconhecimento da alteridade que se estabelecem os laços sociais. No entanto, em nossa cultura narcísica o outro é reduzido a um objeto, na medida em que os valores da diferença e da singularidade são ultrapassados.

Em outras palavras, o registro das culturas narcísicas tudo é permitido ao sujeito que se crê o centro do universo –, em sua onipotência predatória o outro é apenas um objeto para usufruto de seu próprio gozo. Estamos então falando de um regime de economia psíquica da perversão (p. 243).

Em função das novas modalidades de inscrição das subjetividades e diante da dificuldade da psicanálise em acompanhar suas repercussões na clínica, Birman (2005) sugere a investigação dos destinos do desejo na atualidade a fim de circunscrever o campo do mal-estar contemporâneo. Uma das constatações imprimidas pelo autor é a de que a pós-modernidade deixou de investir na possibilidade de reinvenção do sujeito, que constitui, para a psicanálise, o correlato do desejo. Em seu lugar, assistimos à expansão da autoridade do cientificismo e da sociedade do espetáculo.

Nessa medida, o sujeito é regulado pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro. Este é apenas um objeto predatório para o gozo daquele e para o enaltecimento do eu. As individualidades se transformam, pois, tendencialmente, em objetos descartáveis, como qualquer objeto vendido nos supermercados e cantado em prosa e verso pela retórica da publicidade. Pode-se depreender, com facilidade, que a alteridade e a

intersubjetividade são modalidades de existência quem tendem ao silêncio e ao esvaziamento. (p. 188)

Assim, Birman (2005) circunscreve o mal-estar na atualidade a partir do ceticismo. Deparamo-nos com o declínio das utopias políticas e das certezas que conferiam suporte ao homem. É neste cenário que se configura a eclosão do consumo abusivo de drogas, as quais deixam de inscrever-se como um viés de acesso a uma nova visão de mundo, cedendo lugar às leis do mercado. Foi assim que a “economia dos signos foi substituída pela economia política e as drogas se transformaram num dos maiores empreendimentos econômicos do final do século” (p. 229).

Birman (2005) salienta que a falência das visões de mundo provocou a intensificação do estado de desamparo do sujeito. Como resultado, vê-se a expansão da busca por novas ofertas de salvação através da religiosidade e, para os incrédulos, a anulação da existência através da droga. Em função de seu caráter mágico, o autor a diferencia dos demais objetos de consumo. Na medida em que designa a obtenção de pura estimulação, a droga reflete o esvaziamento de sua potencialidade simbólica, assinalando “para algo da ordem do *gozo* e não mais do *êxtase*” (p. 237, grifos do autor), caracterizando o efeito mortífero das toxicomanias.

Essa transformação do objeto droga é determinada, segundo Birman (2005), pela emergência de uma nova configuração de imperativo moral e norma de sanidade, que fundam o discurso da pós-modernidade. Com o fim das utopias, surge uma nova concepção de sujeito centrado no *aqui e agora* e na “*performatividade* de sua inserção no espetáculo da cena social” (p. 246, grifo do autor). Assim, ao lado dos psicofármacos que diluem os sintomas dos miseráveis sofrendores da clínica atual, as toxicomanias visam igualmente a almejada adequação do humor e supressão da dor.

Considerando, então, os fundamentos morais da cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo, as toxicomanias são os efeitos mais evidentes de seus imperativos éticos, daquilo que devemos ser. Produzidas pela medicina clínica, pela psiquiatria e pelo narcotráfico, as toxicomanias são os contrapontos das depressões e da síndrome do pânico, no sentido de que é pelo consumo massivo de drogas que o sujeito tenta regular os humores e efeitos maiores do mal-estar da atualidade. O sujeito busca, pela magia das drogas, se inscrever na rede de relações da sociedade do espetáculo e seus imperativos éticos. (p. 249)

Bezerra Jr. (2002) destaca que ao contrário das sociedades tradicionais, onde as identidades e papéis sociais eram definidos por herança a partir dos laços de pertencimento, na sociedade moderna “ser alguém significa ser um indivíduo, ou seja, conceber sua existência como uma realização pessoal ao longo da vida” (p. 231). Assim, o homem moderno se define por seus atributos privados, caracterizando essa nova forma de constituição subjetiva pela interioridade psicológica.

Se antes as determinações que regiam a vida eram claras e externas à experiência individual, agora elas se tornam enigmáticas e inscritas na vida interior. A norma e o desvio, antes visíveis na exterioridade das regras instituídas, são implantados no terreno movediço e instável de seu universo interno. (...) Quer no plano da cultura, quer no da individualidade, a estabilidade e a certeza dão lugar ao questionamento. O centro normativo da formação subjetiva moderna passa a ser o *conflito*. (p. 231, 232, grifo do autor)

Ao lado da valorização da interioridade, emerge o culto à saúde como um viés de exibição de um ideal de performance física, que traduz um suposto equilíbrio interno: “Comportar-se de modo a exibir uma imagem saudável significa apresentar-se, a si e aos demais, como sujeito independente, responsável, confiável, dotado de vontade e auto-estima” (p. 234).

A super exposição da imagem na sociedade contemporânea desvela a insaciável busca por um meio de regulação do estado de desamparo, o qual é intensificado devido à fragilização do suporte social. Nesta medida, as manifestações do mal-estar que vão na direção contrária da valorização do corpo e inflação do eu correspondem às verdadeiramente patológicas: “Na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental falha, muito mais que em uma interioridade enigmática que causa estranheza” (Bezerra Jr., 2002, p. 235). Logo, tudo o que gera reclusão causa repulsa. Por carregarem um forte caráter desmoralizante, as toxicomanias causam uma aversão ainda maior.

Ao mesmo tempo, Melman (1992) assinala para o fascínio suscitado pelas toxicomanias – referidas pelo autor como um “heroísmo de massa” (p. 83). O toxicômano é aquele que não teme levar até o fim o desejo mais íntimo de todo neurótico de transgredir à lei. Desta forma, para os que chegam em análise a questão não é mais a de sua existência, como acontece de hábito na clínica, mas a

de terem encontrado o remédio universal para o mal-estar. Mais ainda, eles vem denunciar através de sua doença um “defeito na organização social” (p. 84), porquanto este remédio é provido pela própria cultura. O toxicômano, por conseguinte, extrai proveito deste defeito e o sinaliza em sua doença: “Quer dizer que o que se chama para nós a ‘sociedade de consumo’ repousa sobre um ideal, mas ignora que este ideal é o toxicômano que o realiza” (p. 94).

Com efeito, o sonho de todo publicitário, de todo fabricante é de realizar o objeto do qual ninguém poderia mais passar sem; objeto que teria qualidades tais que apaziguaria, ao mesmo tempo, as necessidades e os desejos, que necessitaria de uma renovação permanente, uma perfeita dependência. (p. 94)

Logo, ao visar o alívio da existência, o toxicômano goza da morte. É por esta razão que a noção de risco de vida está ausente de sua lógica. O toxicômano liberta-se, por conseguinte, das limitações relativas ao gozo fálico, o que suscita precisamente a fascinação das massas. Contudo, o gozo do toxicômano não pode ser reconhecido socialmente, posto que representa a negação dos valores que autorizam o laço social.

Para o toxicômano este laço é extremamente precário, frágil, limitado a seus pais, ao fornecedor de droga e a um ou dois amigos. É bem pior que o caso do velho celibatário ou da solteirona. Estes são marginalizados na periferia. Um toxicômano não é marginalizado, nem gravita sobre a mesma órbita que aqueles que participam da vida social. É verdadeiramente, a este respeito, um extraterrestre. (p. 92)

Não obstante, expressa em seu discurso a necessidade de compartilhar suas façanhas como toxicômano, sugerindo que ao lado dessa busca de satisfação solitária existe uma tentativa de realização de um tipo de fraternidade.

Haja vista a perda das referências simbólicas, o sujeito contemporâneo visa a qualquer custo um modo de ancoragem identitária. Na medida em que designam um lugar para o indivíduo e conferem um nome ao seu sofrimento, as toxicomanias podem ser concebidas como um ponto de identificação. É por esta razão que há forte resistência para o sujeito desvencilhar-se da posição de toxicômano. Em função da fragilidade de suas identificações ideais, ele se cola à identidade de dependente químico, através da qual nomeará o seu sofrimento.